

Em tempos de multiculturalismo e crise da cidadania

A partir de relações entre a comunicação de massa e os hábitos cotidianos, García Canclini apresenta outras possíveis manifestações da cultura e das expressões populares na sociedade contemporânea

Karina Janz Woitowicz¹

A cultura contemporânea vive uma tensão entre a modernidade acelerada e as críticas aos efeitos dos processos de globalização e de consumo. O modo como as indústrias de cultura tratam (ou destrutam?) o multiculturalismo e as tendências do mercado global sugere, no que diz respeito ao seu papel social, algumas mudanças no pensamento e no comportamento dos cidadãos.

O consumo está vinculado à cidadania, e vice-versa. É a partir dos bens materiais e simbólicos que se pode definir o que é considerado valioso, assim como o modo com que o homem se integra e se diferencia na sociedade, com que se adapta ao prático e ao prazeroso no dia-a-dia, com que percebe a solidão e participa das atividades coletivas. Ao consumir, também se pensa e se contrói um sentido social, criando uma forma de ‘ser cidadão’.

O livro *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*, de Néstor García Canclini, trata do significado de cada um desses papéis em meio às mudanças culturais que alteram a relação entre o público e o privado e entre o local e o global. O autor desse polêmico livro sobre a (pós)modernidade dirige o programa de estudos sobre cultura urbana na Universidade Autônoma Metropolitana do México. Uma de suas obras – *Culturas Híbridas* – recebeu, em 1992, o prêmio de melhor livro sobre a América Latina.

“Os atos pelos quais consumimos são algo mais do que simples exercícios de gostos, caprichos e compras irrefletidas, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado”, declara Canclini. Na verdade, existem milhares de explicações para o fenômeno do consumo. Algumas calcadas em conceitos antropológicos, outras em abordagens sóciológicas ou, até mesmo, psicológicas. Para alguns, os desvios nos gostos e nos gastos são um fenômeno dos meios de comunicação de massa. Ao mesmo tempo, o consumo pode ser concebido como um meio útil para pensar e atuar de forma significativa e renovadora na vida social.

O autor critica o modelo neoliberal de globalização, em que as decisões políticas e econômicas são tomadas em função do consumo imediato, enquanto nos países da periferia a população encontra-se em condições pouco ou nada favoráveis de trabalho e sem memória histórica. Como a globalização incorpora, dentro de cada nação, diferentes nações e setores, a sua relação com as culturas locais e regionais não está somente no sentido de homogeneizá-las, pois as diferenças são convertidas em desigualdades. A globalização – em sua pretensão democrática e plural – se dá de forma seletiva, pois os direitos são desiguais e os objetos de consumo se restringem às elites.

Em meio ao espetáculo da globalização, às regras do comércio e da publicidade e à corrupção política, busca-se uma alternativa na sociedade civil, nas manifestações e apropriações espontâneas que marcam o cotidiano de diversos grupos e movimentos. Contudo, diante do advento de um multiculturalismo padronizado, ou melhor,

¹ Jornalista e professora Ms. do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

americanizado, formam-se os gostos de massa, e a cidadania, ao mesmo tempo em que se cria por meio de uma memória histórica instável, é reconstruída a partir de referenciais das culturas transnacionais.

Assim, o descontentamento atual causado pelas tendências irreversíveis da globalização fundamenta-se principalmente na possível perda da identidade nacional. Com o deslocamento das monoidentidades para o multiculturalismo global, e conseqüentemente da cidadania às práticas de consumo, o que se tem são fragmentos, imprecisões, visões míopes do todo, como num videoclipe.

Ao mesmo tempo em que se tornam consumidores do século XXI, os indivíduos apresentam-se como cidadãos do século XVIII, levando-se em conta o desconhecimento em torno de direitos sociais e suas condições de exploração. Esse conflito, que representa a subordinação da América Latina aos Estados Unidos e aos países europeus, exige a representação de múltiplas identidades locais, na tentativa (ou, talvez, pretensão) de construir uma multiculturalização democrática.

Importante considerar que uma das principais contribuições da obra de Canclini está em estabelecer críticas à padronização cultural impulsionada pela comunicação de massa e, ao mesmo tempo, ir além da abordagem determinista apresentada pelos teóricos da Escola de Frankfurt, partidários da crença na manipulação absoluta. Nesta perspectiva, o autor reconhece um duplo processo de ‘contaminação’ cultural, em que a cultura popular perpassa a cultura de massa e, do mesmo modo, as manifestações populares também influenciam as expressões massivas, assumindo novos significados.

Embora a compreensão acerca do fenômeno cultural permaneça marcada por determinismos e preconceitos baseados na polarização entre cultura hegemônica e subalterna, as idéias de Canclini, ao se somarem às perspectivas de outros autores latino-americanos – como Jesús Mantín-Barbero, Guillermo Orozco, entre outros – revelam um cenário em que as práticas culturais e as práticas de cidadania apresentam-se como instâncias constitutivas e determinantes da realidade social, demarcando as bases do multiculturalismo global.

Todas as contradições da pós-modernidade sugerem alterações na vida cotidiana, na sociedade civil, nas artes populares, na visão anedótica e repetitiva do discurso político. Não se trata de apontar um destino apocalíptico causado pelo consumismo, mas de uma difícil distinção entre o real e o imaginário, o local e o global, o público e o privado, como conseqüência da transnacionalização da cultura neste início de (um outro) século.

É por reconhecer a existência de uma cultura viva, dinâmica e repleta de sincretismos que Canclini percebe os valores de consumo que se incorporaram à cultura e à vida social, oferecendo outras possíveis leituras sobre o fenômeno da globalização. Neste entido, em tempos de descrença e manipulação, o repensar da cidadania pode passar da abstração para um contexto prático de democracia e justiça, pois os hábitos e gostos dos consumidores condicionam sua capacidade de se converterem em cidadãos. A leitura de *Consumidores e Cidadãos* sugere, assim, um oportuno passeio e reflexão por questões pertinentes no mundo contemporâneo, com todas as suas contradições e desafios.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. 266p.